

A MORTE EM UTI NEONATAL - REPERCUSSÕES NA EQUIPE DE SAUDE

Maria do Carmo Camarotti

O tema da morte continua sendo tabu. Raramente a palavra morte é mencionada pelos profissionais de saúde, sendo muitas vezes substituída por expressões como: está parando, entrou em falência de órgãos, foi a óbito.

É no médico, que a família deposita toda a esperança. A morte de um paciente representa para esse profissional um fracasso narcísico na medida em que se depara com os limites de sua prática e com sua impotência. Mesmo que, o seu saber médico objetivamente lhe mostre as poucas chances de vida que tem o paciente, **sua aposta subjetiva é na possibilidade de curar.**

Quando um recém-nascido morre na **UTI Neonatal**, a equipe é mobilizada em vários aspectos. Afloram sentimentos de impotência, de fracasso, de medo, de culpa como também de dor pela perda do bebê que se encontrava sob seus cuidados. Não é raro que os profissionais se questionem se os procedimentos adotados foram os mais adequados, se aquela morte poderia ter sido evitada, ou ao contrário, se foi prolongado inutilmente o sofrimento do bebê.

A repercussão da morte do filho para os pais tem sido objeto de estudo e preocupação, o que se confirma pelas inúmeras publicações sobre o tema e pela quantidade de sites na internet cuja proposta é criar uma rede de apoio a pais em situação de luto.

Contrariamente, pouco se escreveu sobre a vivência dos profissionais que trabalham em UTI Neonatal e convivem freqüentemente com a iminência de morte de seus pequenos pacientes e com o sofrimento e angústia da família.

A UTI Neonatal é um lugar de luta e de paixão, tristezas e alegrias. A equipe estando no centro, no limite entre vida e morte é confrontada em todo momento com dúvidas, com os limites da sua atuação e com o sofrimento da família. Mas, o que se espera desses profissionais quando um bebê que estava sob seus cuidados morre? Espera-se que sejam fortes e que tomem todas as medidas necessárias, a começar pelo anúncio da morte da criança aos pais.

Tarefa difícil...

Sem que possa ter tempo para processar o luto pela morte da criança, a equipe de saúde começa logo a preparar o espaço físico para acolher o próximo bebê que precisará de seus cuidados. Esse que chegará substituirá, imaginariamente, o bebê que se foi.

Escutando médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem que trabalham em UTI Neonatal, sobre o que representa para eles lidar constantemente com a dor e iminência de morte de seus pequenos pacientes, evidenciamos que o maior contato e proximidade com a família torna esses profissionais mais vulneráveis ao sofrimento, seja por empatia ou identificação com os pais do bebê.

Defendemos que uma assistência integral, humanística e de melhor qualidade deve incluir o acompanhamento sistemático aos pais, e também garantir um "holding", no sentido winnicottiano, para a equipe envolvida nos cuidados do bebê internado em UTI Neonatal.

Sugerimos a criação de um **espaço de palavra**, onde escutados por um psicanalista e protegidos por um enquadre específico, a equipe possa expressar e compartilhar pensamentos e afetos relacionados aos seus pequenos pacientes e familiares.

* Parte deste texto foi retirado do artigo original escrito em parceria com Lindacir Sampaio e publicado no livro :

A ética na atenção ao bebê MELGAÇO, R.G. (Org.) Casa do Psicólogo,2006.